

REUNIÃO NACIONAL DE CULTURA (1)

- Discurso de abertura proferido pelo ministro da Educação e Cultura, Graça Simbine Machel

Iniciamos hoje uma série de debates que no seu conjunto caracterizarão o que queremos designar «Reunião Nacional de Cultura». Gostaríamos de sugerir, logo de início, que não dessem grande relevo ao nome «Reunião Nacional», mas sim aos objectivos que nos levaram a convocá-la.

Durante cinco dias iremos abordar diversos aspectos do extraordinariamente complexo problema que é a Cultura.

Cultura concebida como a capacidade de apreensão e utilização correcta ou incorrecta do conhecimento científico acumulado e desenvolvido por todas as gerações da Humanidade;

Cultura como valores que orientam e determinam o comportamento dos Povos perante a natureza e perante as diferentes camadas sociais;

Enfim, a cultura é um tema complexo e inesgotável.

Conscientes dessa complexidade, decidimos convocar os responsáveis Provinciais de Cultura, para que, através duma discussão e troca de experiências, se possam sensibilizar mutuamente sobre o papel que devem desempenhar para a implementação da política cultural já definida pelo Partido, em particular para a aplicação das decisões do III Congresso da FRELIMO no que respeita à actividade cultural. Cultura entendida como toda a concepção do Homem perante o universo e perante a vida: O modo como um Povo situa o homem nesse universo e nessa vida.

Conscientes também da grande fragilidade das estruturas da Cultura neste momento, sentimos, mais do que nunca, a necessidade de convocar alguns Camaradas afectos a outras actividades no Partido e no Governo, para que, com a sua experiência e com as opiniões e sugestões, venham enriquecer os debates aqui previstos e assim nos apoiem na descoberta de possíveis e melhores caminhos para o cumprimento das tarefas que nos foram confiadas. Apelamos a que os debates sejam objectivos, baseados nas nossas realidades, para responderem aos nossos problemas concre-

tos, na fase de desenvolvimento em que nos encontramos.

Creio não estar equivocada se afirmar categoricamente que poucos ou ninguém dentre nós tem ideias claras sobre a organização e direcção dos diferentes campos da actividade cultural; daí que cada um de nós deve honestamente e sem qualquer tipo de inibições dar a sua contribuição para que desta reunião saiam ideias que reflectam opiniões de todos os participantes, no desejo de melhor servir o nosso Povo, de melhor servir a nossa Revolução.

O Programa do Partido aprovado pelo III Congresso diz a dado passo:

«A Cultura constitui uma arma de grande valor na educação revolucionária do nosso Povo e por isso mesmo, na luta ideológica».

Ora, a simbiose da experiência cultural já adquirida nas Zonas Libertadas e o despertar impetuoso das outras Zonas, leva-nos a concluir que em dois anos de Independência verificamos um avanço qualitativo muito significativo no conteúdo de certas manifestações culturais, como canção, dança, teatro, poesia.

Primeiro, porque as transformações revolucionárias operadas nos sectores económico e social, e o trabalho de educação política desenvolvido pelo Partido tinham necessariamente que produzir no nosso Povo transformações profundas na concepção do mundo e da vida, portanto, tinham que produzir revolução no sector cultural.

Segundo, porque o tipo de manifestações a que nos referimos são as que mais respondem à espontaneidade da expressão popular, e quando mais, corresponde ao que tradicionalmente se aprendeu.

Queria, aqui insistir no aspecto de que o conteúdo é que tem revelado a profundidade do quanto já caminhamos na tomada de consciência do nosso Povo do seu papel na criação de condições do seu bem estar material e espiritual.

A forma, porque não é espontânea e não pode ser somente fruto de mo-

bilização, essa evolui muito lentamente. O melhoramento da forma como as manifestações culturais devem ser desenvolvidas tem de ser matéria de estudo, organização e mesmo de ensino.

Esta é tarefa das estruturas encarregadas de orientar e estimular a actividade cultural no nosso País, isso é, essa é tarefa do Ministério da Educação e Cultura, através dos seus organismos competentes.

Aqui se levantam, entre outros, já dois problemas:

1.º É demasiado simplista contentar-nos em aplaudir as iniciativas, extraordinárias embora, das populações e considerar isso num grande sucesso.

Como materializar a nossa tarefa de «Orientar e estimular a actividade artística no seio das massas populares»?

2.º Assistimos à generalização da ideia de que a Cultura é canção, dança, teatro, poesia, e, quando muito, incluindo artesanato.

Isto deve-se exactamente ao facto de que nestes dois anos quase todo o esforço de desenvolvimento da nossa actividade cultural tem sido obra das populações, e estas limitam-se aos campos que são do seu domínio.

Ora, impõe-se aprofundar e explorar essas manifestações culturais já generalizadas no seio das massas populares, para que de tradicionais e regionais se impregnem de valores verdadeiramente revolucionários e constituam património cultural nacional e um forte instrumento de unidade do Povo do Rovuma ao Maputo.

Assim, não é sem tempo discutirmos como organizar, onde desde já as condições não sejam difíceis de criar, escolas de música, de dança, de teatro, de certas produções artesanais.

Nessas escolas, iniciariamos a formação de grupos profissionais, partindo dos extraordinários talentos soberbamente comprovados nos nossos palcos e só se apresentam em dias consoantes a sua dedicação e inclinação poderiam ascender posteriormente a profissionais.

Mas uma tarefa menos prioritária

dessas escolas seria a de realizarem cursos acelerados, seminários mesmo para os responsáveis pela dinamização da actividade cultural nas empresas, nas escolas, nas aldeias comunais nos bairros e povoações.

Impõe-se ainda, a divulgação das outras manifestações e actividades culturais, pouco conhecidas e pouco desenvolvidas pela maioria das massas populares tais como:

Artes plásticas, em particular, a escultura, a pintura, o desenho onde as potencialidades são extraordinárias e já talentos de índole popular se consolidam.

Neste capítulo, é imperioso também encontrar métodos de enquadramento dos talentos que já se revelaram, de modo a que se crie uma experiência organizada e de trabalho conjunto que conduza à criação do embrião de organizações de artistas e até de escritores, já recomendadas pelo Partido.

Aqui queremos insistir nas orientações dadas pelo Camarada Presidente no sentido de ligar os artistas com as camadas juvenis, nomeadamente nas escolas. O artista de hoje deve estimular o nascer dos artistas de amanhã.

Os problemas de comercialização da produção dos nossos artistas organizados em cooperativas e individuais preocupam os e a nós também. É um tema a abordar e a recolher sugestões nesta reunião.

A leitura é uma excelente forma de divulgação e generalização do conhecimento científico, de experiências pela Humanidade em todos os sectores da vida. No nosso próprio País têm lugar, por dia, várias manifestações cujo registo por escrito caracterizaria a fase de desenvolvimento em que nos encontramos, e cuja divulgação contribuiria para a unidade ideológica do nosso Povo.

Disto resulta a necessidade de se começar com a organização de pequenas bibliotecas, com literatura simples, acessível à maioria da população, situadas, de preferência, onde se encontram grandes aglomerados da população. Criar e estimular o gosto pela leitura é uma tarefa para elevar o nível das massas populares, e o programa do Partido aprovado pelo III Congresso é bem explícito nisto.

O problema que se coloca é como iniciar este trabalho dentro das limitações que encaramos em livros de leitura fácil para uma população cujo nível literário é em geral baixo, e com as carências financeiras com que as estruturas encarregadas de orientar a criação dessas bibliotecas lutam.

— Uma das soluções é promover a publicação de muitos contos que a população escreve e que muitas vezes lhe faltam estruturas para onde canalizar. A Direcção Nacional de Cultura em coordenação com o Instituto Nacional do Livro e do Disco deverão tratar de criar condições para publicação, em brochuras pequenas, simples, com materiais baratos, de contos, poemas e experiências recolhidas em aldeias comunais, cooperativas, machambas estatais e empresas industriais, valorizando aqui, em particular, as experiências realizadas pelos Conselhos de Produção, instrumentos de controlo e direcção do trabalho por parte da classe operária. Por que não falarmos já de possibilidades de embrião duma revista literária. Existe grandes quantidades de matéria prima, uma grande disponibilidade e dinamismo da parte das populações. Que nos falta?

O mínimo de núcleo de dinamização desta iniciativa e, mãos à obra!

Por outro lado, convém incentivar a tradução de muitos contos africanos cujo conteúdo não colide com a nossa ideologia, traduzir contos de todo o mundo que contribuam para o conhecimento por parte do nosso Povo da concepção do universo doutros Povos, as suas tradições, etc.

A Rádio Moçambique tem um programa no género. O que impede que esses contos sejam seleccionados e publicados? Mas como é evidente, não se pode pretender desenvolver no País o hábito e gosto pela leitura apoiando-nos substancialmente em literatura importada.

— Por uma questão de principio da ideologia e mesmo por viabilidade, este trabalho tem de se basear nos esforços e experiências do nosso Povo, e convém sublinhar que nós temos capacidade e potencialidades, desde que nos libertemos de tecnicismo e perfeccionismo.

Está previsto um debate sobre o que são as casas de cultura, e como se pode iniciar dentro dos condicionais do nosso desenvolvimento económico.

Citamos mais uma vez o programa do Partido.

«A Casa de Cultura é a célula básica em que se dinamiza toda a política cultural da Nova Sociedade. Através da criação de uma rede de Casas de Cultura que se constituirão em

verdadeiros Centros de difusão da nossa cultura revolucionária, o Partido eleva continuamente o nível cultural das massas e implementa na prática a democratização da cultura».

Nesta fase, poderá caber na Casa de Cultura para além das manifestações culturais acima referidas uma secção de museu seja o repositório da tradição cultural, histórica e revolucionária da zona, e mais tarde, o material mais representativo poderá ser conduzido a um museu Provincial ou Nacional.

As orientações do Partido e do Governo são claras e precisas.

O objectivo desta reunião é discutir e encontrar métodos de base para arranque do nosso trabalho que já vai por demais atrasado. As estruturas de Cultura estão neste momento na posição de carroça das populações. Estas estão muito mais avançadas. Mas ultrapassámos já a fase em que, desenvolver qualquer actividade cultural era sobretudo uma afirmação de que finalmente o Povo é livre, fase em que ser independente significa poder-se ser o que se é como personalidade, ainda que com base marcadamente tradicional.

A cultura é uma arma importantíssima na luta ideológica. A luta ideológica é científica. A nossa Cultura tem de ser cientificamente organizada e orientada.

Esta reunião deve jogar o seu papel para que constitua um primeiro passo mas decisivo, para criação de condições de desenvolvimento de trabalho que capacite as estruturas responsáveis para preparar e promover acção consequente com vista a um encontro mais vasto e mais profundo sobre este tema complexo, repito, mas apaixonante.

VIVA A FRELIMO, NOSSO PARTIDO
DA VANGUARDA DA REVOLUÇÃO
SOCIALISTA

VIVA A CULTURA MOÇAMBICANA
VIVA A CULTURA AO SERVIÇO
DO POVO

VIVA A 1.ª REUNIÃO NACIONAL
DE CULTURA
A LUTA CONTINUA!

(De: "Tempo", Maputo, (356) 1977-07-31, p.55-56)